



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

KATIÚCE CRISTINA SANTOS BORGES



EFEITO HUMANIZADOR DA LEITURA LITERÁRIA

UMA REVISÃO CONCEITUAL E PRÁTICA

UBERLÂNDIA

2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

KATIÚCE CRISTINA SANTOS BORGES

EFEITO HUMANIZADOR DA LEITURA LITERÁRIA

UMA REVISÃO CONCEITUAL E PRÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno.

UBERLÂNDIA

2020

Katiúce Cristina Santos Borges

Efeito Humanizador da Leitura Literária

Uma Revisão Conceitual e Prática

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno.

Banca Examinadora

Uberlândia, 07 de Dezembro de 2020.

Professor Dr. Caio César Souza Camargo Próchno

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia MG

Me. Lilliân Alves Borges

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia MG

Me. Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia MG

UBERLÂNDIA

2020

Agradecimentos

É de praxe agradecer a Deus em primeiro lugar, mas quero dedicar a Ele toda minha gratidão.

Agradeço a Deus pela tecnologia da escrita, a qual revolucionou a forma de nos organizarmos como sociedade.

Agradeço a Deus pelos inúmeros professores do ensino público, que mesmo submetidos a péssimas condições de trabalho, me ensinaram as maravilhas da escrita e leitura.

Agradeço a Deus pelos agentes históricos que lutaram pela educação com equidade, construindo as políticas de cotas e políticas de assistência estudantil, programas que possibilitaram o término dessa graduação.

Agradeço a Deus por meu pai, Adenilson, por me incentivar a estudar mesmo que ele não tenha tido qualquer oportunidade de estudo.

Agradeço a Deus por minha mãe, Leandra, que não deixou que eu desistisse dos meus sonhos, me acordando para a vida.

Agradeço a Deus pela minha irmã, Karine, por estar presente nas intempéries para segurar minha mão.

Agradeço a Deus pela minha irmãzinha Kamilly, que me exemplificou desenvolvimento humano e por ela me apaixonar.

Agradeço a Deus pelas minhas amigas e amigos que sempre deram espaço para as minhas divagações, as considerando como possibilidades reais.

Agradeço a Deus por minha analista Rita de Cássia, por me possibilitar viver processos tão intensos e profundos em um ambiente seguro e acolhedor, que permitiu meu amadurecimento.

Agradeço a Deus por meu Orientador, Caio Próchno, que demonstrou completa paciência e compreensão com meu processo de produção, de escrita e de pensamento.

Agradeço a Deus pelo companheiro de caminhada e esposo, Thiago Negri, por me instigar e presentear-me com esse mundo fantástico da literatura. Por me fazer acreditar que é possível minhas eternas gratidões.

Resumo:

Há várias relações possíveis entre a psicologia e a literatura, que podem ser sistematizadas a partir do estudo do autor, do processo criativo, dos comportamentos presentes nas obras, o efeito da leitura e aplicação de conceitos psicológicos nos autores e nas personagens. O objetivo deste trabalho é analisar o possível efeito humanizador da leitura literária. O trabalho se divide em duas breves revisões da literatura sobre o tema, uma revisão da literatura conceitual e uma revisão de trabalhos práticos que corroboram com os achados teóricos. Discutiremos as possibilidades da leitura literária, não como um objetivo, mas como uma experiência possível. Apesar das diferentes teorias e metodologias são unânimes os benefícios que essa prática possibilita. Ainda que existam limitações nesta pesquisa, pois ela não é exaustiva, foram encontrados trabalhos significativos acerca do tema. Então pode se concluir que a leitura literária é uma ação política, uma possibilidade de se (re)conhecer enquanto humano, através da experiência.

Palavras-chaves: Efeito da Leitura Literária, Literatura, Psicologia.

Abstract:

There are several possible relationships between psychology and literature, which can be systematized based on the study of the author, the creative process, the behaviors present in the works, the effect of reading and applying psychological concepts on the authors and on the characters. The aim of this work is to analyze the possible humanizing effect of literary reading. The work is divided into two brief reviews of the literature on the subject, a review of the conceptual literature and a review of practical works that corroborate the theoretical findings. We will discuss the possibilities of literary reading, not as an objective, but as a possible experience. Despite the different theories and methodologies, the benefits that this practice allows are unanimous. Although there are limitations to this research, as it is not exhaustive, significant studies were found on the topic. So it can be concluded that literary reading is a political action, a possibility of meeting yourself again as a human, through experience.

Keywords: Effect of Literary Reading, Literature, Psychology.

Sumário

I. Nota Introdutória	1
II. O Que Diz a Teoria?	4
III. O Que Relata a Prática?	10
Laboratório de Humanidades	10
Revisão de Artigos	12
IV. Discussão	18
V. Considerações Finais	24
VI. Referências	25
VII. Anexos	30
Tabela I. Trabalhos Teóricos	30
Tabela II. Trabalhos Práticos	31

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens”

(Bíblia Sagrada, Evangelho de João Capítulo 1, versos 1 ao 4)

I. Nota Introdutória

As áreas de pesquisa se cruzam quando há interesses comuns, como no caso da psicologia e das artes, que de pontos de partidas diferentes dão notícia do ser humano: a psicologia, como disciplina promotora de sentidos, através de suas diversas formulações científicas, e a arte, que possibilita formular esses sentidos de maneira estética. Em especial a literatura, pois ela transforma em um mundo organizado pela palavra o caos em que habitamos e que nos é habitado (Meneses, et al. orgs, 2005). Nesse sentido, Sigmund Freud diz que as relações entre a psicanálise e a literatura são possíveis por conta da “natureza do assunto” (Freud, 1895, citado por Nobre, 2010), em outras palavras, o objeto dos estudos psicológicos e a matéria prima da literatura, que é o humano, são da mesma índole, justificando sua ligação.

Na tentativa de compreensão de quais são as possibilidades dessa interdisciplinaridade, Santos, Santos & Silva (2018) fizeram uma revisão das relações possíveis entre Literatura e Psicologia, que pode ser entendida em duas perspectivas: a Psicologia na Literatura e a Psicologia da Literatura. Na primeira, é apresentado o trabalho de Dante Moreira Leite, o qual entende que é possível aplicar conceitos psicológicos nas obras literárias para compreensão dos processos criativos do pensamento e também para a análise tanto do texto quanto dos leitores, pois Leite compreende que “as descrições de personalidade, ocorrem muitas vezes em descrições literárias ou de pessoas que, ainda não descritas por especialistas da psicologia, em muito acrescem valor e conteúdo aos estudos destes últimos” (Santos et al., p. 777).

A perspectiva da Psicologia da Literatura é feita por Santos et al. (2018) através dos trabalhos de René Wellek e Austin Warren. A ligação feita entre literatura e psicologia por esses autores se enquadra em uma subárea conhecida como Psicologia da Arte, conceituada

por estes como “área da Psicologia que descreve e explica a experiência psicológica do ser nos comportamentos relacionados com a arte” (Wellek e Austin Warren 1949, p. 95).

Apoiados nos escritos de Warren e Wellek, os autores Santos et al. (2018) delimitam quatro pontos de estudos da Psicologia da Literatura: **(i)** o estudo psicológico do escritor como tipo e indivíduo; **(ii)** o estudo do processo de criação; **(iii)** o estudo dos tipos e das leis que estão presentes nas obras literárias e; **(iv)** o estudo dos efeitos da literatura sobre os leitores.

No que diz respeito aos estudos da psicologia do escritor, são trabalhados aspectos de interpretação psicológica das biografias e autobiografias. Realiza-se, a partir dessa interpretação, uma compreensão da personalidade do autor, numa tentativa de classificação do tipo psicológico ao qual esse autor pertence, isto é, se ele é apolíneo ou dionisíaco, racionalista ou empirista, trabalhador ou boêmio (Santos et al., 2018).

De acordo com Santos et al. (2018), o estudo do processo de criação demonstra as etapas que são desenvolvidas no processo de criação pelo autor, através dos seus personagens e seus funcionamentos. Esses são elementos que dependem necessariamente do perfil do escritor. A partir desse componente é possível compreender o processo imaginativo.

Já no que diz respeito ao estudo dos tipos psicológicos, realiza-se uma investigação a respeito da configuração esquemática da personalidade, em relação ao modo como ela é projetada, na obra literária, na forma de um indivíduo real (Santos et al., 2018). Essa projeção dos traços psicológicos na figura do personagem é um dos elementos essenciais do romance, e tem relação direta com determinada realidade histórica. No texto essa projeção pode aparecer de maneira implícita ou explícita, contudo não é caricata. Sobre o estudo das leis que a obra literária apresenta, os autores destacam que há regras que estão presentes nelas e buscam mostrar como o suporte da psicologia, assim como o de outras ciências humanas, pode

possibilitar maior abrangência de entendimento através das suas próprias conceituações acerca de determinado enredo.

Nos itens comentados acima, os estudos de Psicologia da Literatura, foram direcionados para o autor, o processo de criação e o comportamento descrito nas obras literárias (tipos e leis), por último, contudo, o mais importante para essa pesquisa é o estudo dos efeitos da literatura sobre o leitor. Para os autores Santos et al. (2018), o efeito da leitura literária é o derivado do encontro subjetivo entre o texto e o leitor.

Podemos entender literatura a partir da definição apresentada por Bueno (2012), segundo o qual, a literatura consiste num acontecimento histórico que se dá no processo criativo do escritor, por meio do qual ele expressa um mundo imaginário. Essa criação possibilita que um outro possa experienciar esse mundo imaginário, sendo esse outro o leitor. À capacidade abstrata de desvendamento da combinação de símbolos historicamente criados, chamarei aqui de leitura, que se constitui como o encontro de um sujeito com o universo ficcional. A questão que se nos apresenta é: qual a consequência existencial do encontro de um sujeito com o mundo de possibilidades que a literatura oferece? Tentarei responder a essa pergunta, e levantar outras.

O caminho que trilhei neste trabalho configurou uma revisão de literatura, tendo como objeto de pesquisa os efeitos da leitura de literatura. Essa revisão se divide em duas partes: a primeira, com um resgate de autores que formularam conceitualmente o efeito humanizador da leitura e, a segunda parte, a apresentação de alguns trabalhos práticos que abordam como consequência da leitura literária, o efeito humanizador.

II. O Que Diz a Teoria?

Para dar início a essa investigação teórica, Candido (1995) faz as honras iniciais com o texto crucial “Direito à Literatura”. Neste breve escrito, mas grandíssimo em conteúdo, o autor relaciona a literatura com os direitos humanos, entendendo-a como um bem incompreensível, adotando as formulações de Louis-Joseph Lebret, ou seja, um bem necessário para a sobrevivência espiritual do humano, assim como o sonho para o sono, a literatura para a vida. Para não me delongar pelo apreço e pelo reconhecimento teórico que tenho por esse autor, cito a parte que nos convém para desenvolver a linha principal de pensamento desse autor, e porque não deste trabalho: “o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (Candido, 1995, p. 177).

A complexidade e as implicações dessas palavras vão reverberar ao longo deste trabalho, mas neste momento cabe dizer que Candido atribui a literatura o caráter de um efeito humanizador. O autor entende por efeito humanizador, o fazer o humano pensar sobre as próprias questões e as questões que lhe dizem respeito, por exemplo, o relacionamento com os semelhantes, a depuração das emoções, a sensibilidade de ver o que é belo, em suma “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 1995, p. 180).

O próprio Freud, a partir da elaboração de sua primeira tópica, diz o seguinte a respeito do prazer que pode ser obtido a partir da literatura:

“A verdadeira *ars poetica* está na técnica de superar esse nosso sentimento de repulsa, sem dúvida, ligado às barreiras que separam cada (eu) dos demais. Podemos perceber dois dos métodos empregados por essa técnica. O escritor suaviza o caráter de seus

devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. Denominamos de prêmio de estímulo ou de prazer preliminar o prazer desse gênero que nos é oferecido, para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes” (Freud, 1976, p. 158).

É evidente a relação íntima de Freud com a leitura literária, pois em suas obras há diversas referências à literatura. Ainda sobre os efeitos da leitura literária, Freud nos conta de sua própria experiência “as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura ... Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve o seu efeito” (Freud, 1913, p. 217). Fundador da ciência do inconsciente, Freud diz sobre o porquê ficamos tão envolvidos na leitura: “não pode ser simplesmente uma questão de compreensão intelectual, o que ele visa é despertar em nós a mesma atitude emocional, a mesma constelação mental que nele produziu o ímpeto de criar” (Freud, 1913, p. 217-218).

Michèle Petit (2009) trabalha de forma aprofundada as potências da literatura em espaços de crise, a partir da sua visão política de sociedade, a sua compreensão de psicanálise e também de sua vivência com a leitura literária individual e coletiva. A célebre autora fala sobre a essência da crise, que “se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal” (p. 9), e chega a dizer que o mundo inteiro hoje é um espaço de crise. E como a literatura pode cooperar para a superação desse estado de instabilidade e insegurança que advém da crise? Podemos responder a essa pergunta dizendo que o leitor pode fazer “uso de fragmentos de obras lidas

para fundar um trabalho de construção ou reconstrução de si mesmo” (p. 146), nas próprias palavras da autora, a literatura, como bem cultural, possibilita o que a autora chama de desvio vital:

“que conduz a vias desconhecidas, em ruptura com a situação de cada um, recoloca em movimento o desejo, permite recarregar o coração, reencontrar, sob as palavras, emoções secretas compartilhadas, um pano de fundo de sensações, um laço com a infância; e que torna a movimentar o pensamento” (Petit, 2009, p. 146).

A partir dos diversos trabalhos com crianças realizados na zona rural e nos subúrbios de Paris, ela constatou que a literatura pode permitir que as pessoas acessem sua interioridade, fazendo com que os pensamentos circulem em diversas temáticas como política, cultura, saúde. Um fator de destaque é que, para Petit (2009), a leitura literária é socialmente construída, ou seja, ela está inserida em um contexto histórico perpassado por questões políticas e sociais. Em seu trabalho, a autora ressalta que o acesso e a apropriação dos sujeitos para com a literatura devem ser pensado através do contexto histórico, político e social.

De uma outra perspectiva, Caldin (2004) verifica as possibilidades terapêuticas da leitura de contos para crianças hospitalizadas. A partir da biblioterapia, especificamente da teoria de Caroline Shrodes, considera que o efeito terapêutico acontece pelos seguintes componentes: identificação, projeção e introspecção. Diante da tese de Shrodes, Caldin verifica as possibilidades de que os componentes terapêuticos aconteçam através da leitura das histórias por possibilitarem “produzir emoções e apaziguá-las” (p. 72). Durante o texto, a autora hipotetiza o que pode acontecer de terapêutico nas crianças hospitalizadas em contato com a literatura, ou seja, o que pode reverberar na criança perante a leitura das histórias.

Freire (2012) destaca a importância da leitura literária para os profissionais que exercem cuidado sobre o outro, em especial os psicólogos, em razão de que a experiência de

leitura proporciona o reconhecimento da alteridade, que está fora e dentro de nós (p. 7). A abrangência da literatura contém várias formas de discurso (político, histórico, filosófico), tratando de forma ficcional os temas que são encontrados na vida, inclusive abordando o assunto temporariamente anterior ao estudo científico do tema. Sobre o encontro do leitor com o texto, o autor aponta que “a experiência da leitura vai muito além dos limites do texto” (p. 6), e que fomenta a criatividade de quem lê e também possibilita o encontro consigo, com o outro e com o mundo. O autor considera que uma boa leitura é capaz de “nos apresentar o humano em suas variadas formas, claras ou obscuras, definidas ou ambíguas, serenas ou intranquilas sem recorrer às taxonomias” (p. 8).

Almeida (2014), a partir dos escritos de Blanchot (1969), faz uma diferenciação necessária, entre a leitura descritiva e a experiência total de leitura. A leitura informativa tem a pretensão de explicar a obra literária ou o autor através dos paradigmas de algum saber (p. 146), enquanto a experiência total de leitura seria, parodiando Lewis Carroll, seria a experiência “através do espelho”, que o leitor teve no ato de ler (Almeida, 2014).

Almeida (2014), apoiado em Blanchot, parte do princípio de que a literatura pode ser compreendida como espaço de ressonância, no qual a leitura media a relação do corpo do leitor com o texto (p. 145). No espaço de ressonância o sujeito está em uma busca intensa por sentido, a procura de dar vida às letras mortas do texto (p. 147). Esse espaço paradoxal, em que o leitor se perde em busca de sentido e posteriormente se (re)encontra e confronta com as questões tratadas pelo autor “possibilita modificações subjetivas e criações de sentido” (p. 148). Dificilmente, ao sair do espelho, a subjetividade é a mesma, nos conta Almeida. Provavelmente você já deve ter ouvido a seguinte frase “determinado livro me prendeu”, significa que o leitor está imerso “ao universo retratado por trás do espelho da arte” (p. 141), e esse universo pode possibilitar mutações de si. Contudo, o autor alerta, para a raridade da

experiência total da leitura, pois os hábitos linguísticos, constantemente insistem nos automatismos que impedem a reverberação, a entrada no espaço de ressonância.

Um trabalho interessante para pensar o que Almeida (2014) diz sobre os nossos automatismos, é realizado por Aguiar (2007) que traz a experiência do súbito narrado no conto “Amor” de Clarice Lispector e no romance “A Náusea” de Jean-Paul Sartre, como uma experiência iluminada de tomada de consciência de si, a partir do referencial teórico existencialista. Esse trabalho auxilia bastante o pensar sobre o que acontece quando a leitura possibilita um *insight*. Essa experiência de súbito que se dá no cotidiano, ou em uma leitura despreziosa dos autores das referidas obras, e quando ocorre nesse momento de estranhamento, é possível expandir a visão, das personagens e do leitor que se deixa apanhar pela história, sobre si, sobre suas relações, sobre o mundo. A autora traça um paralelo entre a leitura dos citados autores e a terapia existencial, de tal maneira que ambos partem da angústia que o súbito trás, a partir do estranhamento, pois tanto a literatura quanto a terapia existencial, não negam esse desconforto, mas aceitam e amortecem o desamparo do vazio existencial, assim permitem que o espectador/cliente possa buscar outras formas de existir e resistir, com a intenção de não ser apenas leitor passivo, mas assumir a responsabilidade pela sua liberdade.

Partindo de outra possibilidade teórica, a fenomenologia, Cabral e Kastrup (2009) apresentam a leitura literária como uma possibilidade de devir consciente. O que é esse devir consciente que a literatura pode possibilitar ao leitor? É uma experiência que resulta de “um processo pelo qual pode surgir na minha consciência alguma coisa de si mesmo que eu não tinha consciência, pois estava confuso, opaco, afetivo, imanente, pré-refletido” (p. 289). O termo de devir consciente faz parte da teorização fenomenológica, e que pode resultar no encontro da alteridade que há em cada ser. As autoras reforçam a ideia que a experiência da leitura literária como devir consciente não está dada, ou seja, não há garantia de que esse

efeito vai acontecer. E por que não? Porque, segundo as autoras, é necessário estar disponível para a experiência, é necessário alguma rotina de leitura, e construir a capacidade de apreciar para que o “contato com o texto provoque uma surpresa estética que levaria a um desprendimento de nós mesmos e, ao mesmo tempo, a uma máxima intimidade conosco” (p. 292).

Outro viés é apresentado pela pesquisa sociocognitiva feita por Rodrigues, Oliveira, Rubac & Tavares (2007), que fizeram uma análise com cem livros literários nacionais destinados a crianças de quatro a seis anos. Essa análise adotou conceito de teoria da mente e do processamento de informação social. E o que seria essa teoria da mente? “teoria da mente é o nome que se dá à maneira como sentimos e entendemos a mente dos outros” (Caixeta & Caixeta, 2005), e a partir dessa formulação as crianças passam a conviver melhor em sociedade. Enquanto a análise de informação social busca entender os processos cognitivos de forma empírica e descritiva da interação e adaptação social da criança. E por que esses conceitos são importantes para o trabalho de Rodrigues e a proposta do trabalho que está em desenvolvimento? Porque através das análises feitas por estas autoras permitiu-se concluir, que a leitura de histórias infantis para as crianças pré-escolares “oferecem um rico e útil referencial para que sejam discutidos e explorados aspectos sociocognitivos relevantes” (p. 86). Sem dúvida, o ponto de partida de Rodrigues é diferente dos autores que foram apresentados até o momento, contudo é relevante apresentar que há na literatura científica pesquisas quantitativas a respeito do efeito que a leitura literária pode fornecer.

Na Tabela I, que se encontra no Anexo I, os trabalhos estão organizados em autor, título, ano de publicação e área de pesquisa dos autores.

III. O Que Relata a Prática?

Diante do exposto no item anterior, a teorização sobre os efeitos da leitura de literatura, é possível pensar nos efeitos da Literatura, da humanização que pode acontecer e até um possível “efeito” terapêutico exercida por ela. Neste tópico apresentarei em um primeiro momento a obra que instigou esse trabalho, “A Literatura como remédio” de Dante Gallian (2017), e em seguida, apresentarei uma pequena revisão da literatura encontrada sobre o efeito humanizador da leitura literária. Optei por realizar um resumo dos trabalhos encontrados para que a compreensão seja mais abrangente, no sentido de promoção de imagens em nós. Na Tabela II, que se encontra no Anexo II, os trabalhos foram sistematizados em autor, título do trabalho, ano de publicação, tipo de estudo (grupal ou individual), abordagem teórica em que o trabalho foi embasado e o método realizado nesse mesmo trabalho.

Laboratório de Humanidades

Por este caminho o livro de Gallian “Literatura como remédio” (2017) forneceu excelentes pistas. Nesse livro Dante Gallian, historiador e professor de história na UNIFESP, lecionava a disciplina de história da medicina quando percebeu a apatia de seus alunos durante a reprodução do conteúdo das suas aulas, esse desinteresse dos alunos o incomodou e assim se sentiu impulsionado a começar a levar para a sala de aula trechos de obras clássicas da história médica, como Hipócrates, Galeno, Paracelso, dentre outros (Gallian, 2017, p. 38). A iniciativa foi bem aceita pelos discentes, e com o incentivo de alguns alunos, originou o projeto de extensão que ele chamou de Laboratório de Humanidades (LabHum), com o intuito de realizarem leituras conjuntas dos grandes clássicos da literatura objetivando uma formação mais humanística no campo da saúde. O projeto se iniciou oficialmente no ano de 2003, o que curiosamente, segundo Gallian (2017), coincidiu com a Política Nacional de Humanização,

fomentando projetos que visavam o desenvolvimento não só técnico, como formação mais humanas para as áreas da saúde, e assim LabHum se tornou referência.

Com a formalização do LabHum foi delineada a metodologia que este seguiria, sendo composta por três momentos: a história de leitura, o itinerário de discussão e histórias de convivência. Gallian conclui a partir das diversas pesquisas feitas no LabHum, que os participantes assinalavam que a leitura dos clássicos exercia uma certa função terapêutica sobre eles. O destaque que foi dado ao LabHum, é necessário pois foi através da leitura deste livro que este trabalho foi pensado, e tal livro apresentou muita relevância nas pesquisas feitas posteriormente, indicando autores e possibilitando ideias. Dois trabalhos específicos e práticos serão citados logo em seguida para ilustrar a prática do LabHum.

O Laboratório de Humanidades (LabHum), fundado por Dante Gallian revolucionou a formação em saúde, visando a formação integral dos profissionais de saúde a partir da experiência de leitura e discussão dos clássicos da literatura. Logatti, Carvalho, Candido & Gallian (2019), transpuseram o método para fora da universidade, em um grupo de quatorze pacientes com quadro psiquiátrico grave que são usuários de um dispositivo de saúde mental, Grupo da Vida. O grupo teve onze encontros, para leitura e discussão da obra “O Alienista” de Machado de Assis. Seis dos usuários participantes aceitaram participar de entrevistas individuais de histórias de vida, no qual relataram que as leituras reverberaram em suas vidas. E a conclusão dessa experiência, corroborou com as já encontradas pelas pesquisas do LabHum, no sentido de que a leitura, reflexão e discussão das obras literárias podem ter o efeito de fazer com que os participantes repensem sobre si e suas vivências, o que muitos definem como terapêutico.

Na mesma lógica do trabalho anterior, Giannoni (2013) tomou como objeto de pesquisa o LabHum em um hospital privado da zona sul de São Paulo (HCor). O experimento contou com trinta participantes das áreas assistenciais e administrativas do hospital e foi

conduzido por Dante Gallian, com a disposição de quatro encontros semanais com a duração de 90 minutos. A obra lida foi “Vá onde seu coração mandar” de Susana Tamaro. Teve resultados semelhantes e conclui que essa vivência permitiu “a mobilização afetiva dos participantes e o desenvolvimento de um processo reflexivo que, muitas vezes, culminou em efetiva mudança no âmbito das atitudes” (Giannoni, 2013, p. 6).

Revisão de Artigos

Com a intenção de verificar outros trabalhos sobre os efeitos da leitura literária foi realizada uma revisão de literatura nas bases de dados Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde-Pepsic, Portal de Periódicos da CAPES e Indexpsi, a partir de combinações das seguintes palavras chaves: leitura, literatura, terapêutica, terapia, psicologia no período de janeiro a abril de 2020. A pesquisa foi feita somente com trabalhos em formato de artigo no idioma português. Os artigos foram selecionados a partir da leitura dos resumos, para verificar qual a relação feita entre literatura e psicologia, como relatado na introdução deste trabalho o recorte foi do efeito humanizador da literatura. Foram excluídos também artigos que apresentavam o efeito da leitura da literatura como aparato pedagógico para ensino de leitura e escrita como finalidade em si. Dito isso, a seguir os trabalhos encontrados serão apresentados.

Liberman, Junqueira & Milek (2017) realizaram uma pesquisa com a narrativa de mulheres a partir do método cartográfico. Durante o percurso da pesquisa foi proposto a leitura de um texto de Clarice Lispector “Aprendendo a viver”, e a leitura desse texto reverberou afetos e fez com que a participante pudesse viver tal momento “como produção da própria vida, inventando linhas de vida possíveis, de abertura a novas possibilidades” (Liberman et al., 2017, p.194).

Porcaccia & Barone (2011), contam da experiência de uma oficina de leitura com cinco crianças com dificuldades de aprendizagem, sendo derivada de fatores como a extrema pobreza. Esse grupo foi composto pela psicopedagoga, duas meninas e três meninos com a faixa etária de oito anos que se encontraram semanalmente durante um ano para oficina. Como sustentação teórica as autoras utilizaram o referencial winnicottiano de espaço potencial, que pode ser experienciado através do livro por ser um símbolo cultural. Todos os encontros se iniciavam com organização do espaço, sequenciada pela leitura da história e logo em seguida as crianças eram convidadas a se expressarem sobre a história contada. Ao fim as autoras relatam dois pontos principais de avaliação da aprendizagem das crianças, primeiro é que a leitura de histórias possibilitou que aquelas ressignificassem suas próprias histórias de vida e em segundo as leituras gradualmente instigaram as crianças no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Apesar deste trabalho considerar o aspecto de aprendizagem de escrita, a ênfase é dada ao processo de constituição das crianças.

Em outro trabalho, Porcaccia, Barone & Costa (2016) trazem uma experiência metodologicamente distinta, em que a potência da leitura das obras literárias se expressou como possibilidade de comunicação para alcançar um paciente em acompanhamento psicopedagógico, em que este paciente apresentava grandes resistências. O momento mais explícito desse processo, segundo os autores, foi na sessão em que houve a leitura de "O Tolo" de Nicolai Leskov, nessa ocasião o paciente se identificou com o protagonista do conto e se permitiu narrar suas vivências e reinventar suas possibilidades, e assim a psicopedagoga pôde criar um ambiente confiável para que os processos psicopedagógicos fossem possíveis. A literatura operou como fonte de identificação e possibilitou que o paciente não apenas falasse, mas falasse de si e de suas questões, que foram então compreendidas a partir do referencial psicanalítico.

Já Galhardo e Pereira (2016) realizaram uma pesquisa qualitativa com um clube de livros, que foi formado especificamente para fins acadêmicos. A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino de Brasília, em que participaram cinco mulheres que eram alunas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB). Na metodologia do trabalho utilizaram o método fenomenológico, a compreensão das vivências foi realizada a partir do embasamento teórico da Gestalterapia e a forma de documentação, realizada pelas participantes, foi a partir das versões de sentido conceituado por Amatuzzi (1996). A pesquisa contou com a leitura e discussão grupal de três livros “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen, “O perfume” de Patrick Süskind e “O grande Gatsby” de Francis Scott Fitzgerald. Após cada encontro as participantes relataram a experiência através da técnica de versões de sentido. Ao fim da pesquisa houve uma entrevista final com cada participante e a partir da análise dos documentos, os pesquisadores confirmaram a hipótese inicial da relação entre a literatura e a psicologia “A respeito da finalidade terapêutica ... o Clube do Livro Identidade mostrou-se como um instrumento de rica potencialidade” (p. 95).

O artigo de Henz et. al. (2012) conta de um projeto de extensão que se iniciou em 2006 na Unifesp, baixada santista e que durante três anos professores, técnicos e alunos, quinzenalmente faziam encontros para leitura coletiva e discussão dos fragmentos literários levado pelo mediador. A discussão abordava temas diversos como “política, morte, vida, diferença, o inusitado e as ‘saúdes frágeis’” (p. 274) assuntos que, segundo os autores, se avizinham com o fazer da clínica. A partir do segundo semestre de 2009 o projeto aconteceu em formato itinerante, e a partir desse novo molde seria realizado dois encontros na instituição escolhida e contatada pelo grupo previamente.

Nesse artigo são abordadas duas experiências desse formato, a primeira em uma instituição que atende o público com deficiência visual, onde foi lido e discutido o conto “Diante da Lei” de Franz Kafka, e que no momento da discussão as perspectivas dos

participantes foram expressivas, inclusive puderam compartilhar vivências que o conto suscitou. A segunda experiência foi na Biblioteca do Posto 6, também em Santos, que contou com a participação de funcionários da biblioteca, professores, escritores e estudantes da Unifesp, nesse grupo foi realizada a leitura do conto “Chacais e Árabes”, também de Franz Kafka. Segundo os autores, essa experiência culminou na sensação de que os participantes eram “afetados por alguma coisa, independentemente de uma compreensão racional na leitura do escrito de Kafka” (p. 275). Tomando as experiências de leitura e discussão em conta, os autores concluem que “em momentos como esses que podemos acompanhar pequenos exercícios de invenção, de paciência, de lentidão, de gratuidade, de angústia aceita, de dúvida, enfim, exercícios de literatura e clínica” (p. 275).

Um trabalho que se destacou foi o de Boechat & Kastrup (2009) que apresenta a inserção e efeitos de uma oficina de leitura no presídio Hélio Gomes, no Complexo Penitenciário Frei Caneca, na cidade do Rio de Janeiro durante dezesseis meses (entre 2006 e 2008). Os encontros aconteciam na escola ou na igreja da própria prisão, com periodicidade semanal e duração média de duas horas, e se constituíam em um espaço para leitura e discussão de contos escolhidos, inicialmente pela mediadora e posteriormente sugerido pelos participantes. O grupo inicialmente foi composto por nove internos, com níveis de escolaridade heterogênea e idade de vinte e oito a cinquenta e dois, mas a na composição do grupo passou por pequenas alterações durante o percurso do grupo.

As autoras demarcam constantemente, ao longo do texto, os impasses explícitos e implícitos da instituição sobre a oficina, por exemplo a pontualidade. Todos os encontros atrasaram cerca de uma hora e meia para iniciar os trabalhos, tempo que era gasto para ‘transportar’ os internos até o local de realização da oficina.

Apesar de todos os contratempos as autoras revelam que a oficina teve um efeito inesperado: a circulação, leitura e discussão dos textos da oficina entre os companheiros de

celas, justificado pelo efeito de potência emanado no grupo. Para as autoras a “oficina de leitura se apresentou como um movimento de resistência e um desvio em relação às práticas psicológicas mais frequentes e aos objetivos institucionais apoiados em práticas de privação e de disciplina” (Boechat & Kastrup, 2009, p. 37) e possibilitou aos participantes gradativamente “descobertas e novas experiências de si do mundo” (p. 38).

De outro ponto de partida, Monteiro (2012) fez uma pesquisa interessante com crianças portuguesas com dificuldade de leitura, avaliando os constructos de autoconfiança e autoestima através da criação e implementação de um Programa de Leitura em Par, sob a perspectiva da Cognição Social. Participaram desta pesquisa cento e sessenta estudantes de idades entre sete e doze anos, oitenta para o grupo controle e oitenta para o grupo experimental. Cursavam o segundo ano e quarto ano do ensino fundamental, e foram selecionados através de uma avaliação sistemática realizada pelos professores, e através dessa avaliação os alunos com maior dificuldade de leitura foram convidados a participar do programa.

O programa aconteceu semanalmente por cerca de dois meses, durante o semestre letivo das escolas. Funcionou em formato de tutoria em duplas, um estudante do quarto ano, como tutor, e um do segundo, como tutorando que eram apresentados a materiais como livros, revistas e jornais, os materiais para consulta eram renovados constantemente. Sobre o grupo controle a autora diz que no mesmo horário eram submetidos à leitura individual. Como método quase experimental, para analisar a autoconfiança e a autoestima foram utilizados o teste Escala Pictórica da Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças de Harter e Pike, adaptado por Mata, Monteiro, Peixoto, e Alves-Martins na avaliação das crianças do segundo ano e a adaptação feita por Alves-Martins, Peixoto, Mata, e Monteiro do teste Self-perception Profile for Children, de Harter nas crianças do quarto ano. Os resultados foram estatisticamente analisados através do teste de análise ANOVA.

A autora conclui que tanto nas crianças do segundo ano quanto nas crianças do quarto ano houve um aumento significativo entre o pré teste e o pós teste das crianças pertencentes do grupo experimental. A autora discute que esse progresso se deu por alguns motivos como o reforço positivo do tutor para com o tutorando, também do reforço positivo do investigador para o tutor e tutorando, na mudança de visão feita por outras crianças e adultos para com esses alunos do grupo experimental, a aproximação dos pais com o projeto de leitura dentre outros. Um fator que não foi citado, e que no presente trabalho se busca conhecer, é o efeito dos materiais levados para leitura dessas crianças, questão que não pode ser negligenciada, contudo neste artigo é tratado vagamente sobre quais eram esses materiais, dizendo apenas que eram interessantes (Monteiro, 2012, p. 149) e que os pais começaram a se envolver na escolha deles (p. 152). Entretanto em nenhum momento o uso que os alunos fazem dos materiais, ou seja, o ato e efeito da leitura literária, são tomados como um dos fatores que aumentaram significativamente, ou estatisticamente, a autoestima e auto confiança destas crianças, e que, através dos trabalhos apresentados até agora, também pode fazer parte nesse avanço no autoconceito nesse experimento. Os materiais deste experimento poderiam sim ter sido melhor abordado ao longo da escrita do trabalho.

Na mesma direção Dias-Corrêa, Marturano, Rodrigues & Nahas (2016) realizaram um programa para promoção de habilidades sociocognitivas através da leitura de histórias infantis. O experimento foi baseado nos estudos de Teglasi e Rothman e Rodrigues, que comprovaram “a viabilidade do uso de livros infantis como recurso promotor de desenvolvimento sociocognitivo e prevenção de comportamentos agressivos e antissociais” (p. 3). Participaram quarenta e cinco alunos que cursaram o Pré III em uma escola de alguma cidade do estado paulista, sendo vinte e cinco que cursaram em 2010 (GI) e vinte que cursaram em 2011 (GII). Nos dois grupos foi utilizada a mesma metodologia (pré-intervenção, avaliação sociocognitiva inicial, intervenção, avaliação sociocognitiva

posterior, pós-intervenção e reunião com os pais), com o mesmo número de sessões (vinte e cinco sessões de cinquenta minutos, com a periodicidade entre duas a três vezes na semana) no mesmo período (de agosto a novembro), com exceção de que o GII teve a primeira pré-intervenção em maio de 2011.

Durante a intervenção tanto o GI, quanto o GII foram subdivididos em grupos homogêneos de até nove alunos, e a sessão de intervenção era composta por duas etapas: em primeiro lugar era realizado as combinações entre a investigadora e as crianças e depois o contar de história e as discussões e as reflexões feitas a partir de um script de componentes pela pesquisadora. O trabalho de Dias-Corrêa, Marturano, Rodrigues & Nahas (2016) concluiu que o programa de leitura de histórias infantis contribuiu com o “aprimoramento dos comportamentos pró-sociais e na redução dos problemas de relacionamento e hiperatividade” (p. 8).

IV. Discussão

O que nos suscita durante a leitura desses diversos trabalhos que conceituam o efeito humanizador da leitura literária e o relato das experiências/experimentos que corroboram com essa formulação? Com certeza há uma relação direta entre os achados teóricos e os práticos. As explicações teóricas partem de conceituações distintas, desde um viés sociológico como Candido (1995) e antropológico como Petit (2009), passando pela psicanálise com Freud (1901 e 1913) Menezes in Barone (2005), e várias correntes psicológicas como a abordagem existencial utilizada no trabalho de Aguiar (2007), a fenomenologia no trabalho de Cabral & Kastrup (2009), até as ciências cognitivas em Rodrigues et al. (2007). Essas várias correntes teóricas demonstram uma diversidade de pesquisas, o que torna rico o presente trabalho por não apresentar apenas uma das várias possibilidades.

Entre tantas formulações, as concepções finais se avizinham, não se igualam, mas apontam em uma mesma direção, a reinvenção do sujeito leitor através da literatura, o que impacta na relação deste com o mundo. Percebemos assim que este fenômeno transcende as divisões cartesianas das disciplinas científicas.

Experimento *versus* experiência, o antagonismo entre essas duas metodologias de pesquisa com certeza chamam atenção, enquanto a primeira analisa a resposta dos escores, a outra analisa as falas, os sentidos e os sentimentos. Compreender os resultados desta pesquisa em desenvolvimento com números me parece estar em contradição com a humanização dos sujeitos que contribuíram no trabalho (número *versus* sujeito). Por isso levantarei alguns tópicos que se apresentaram relevantes para discussão.

A palavra humanizadora trás implicações, já pensadas e avisadas por Candido (1995), pois não é garantida uma cota de progresso pessoal pelo uso da leitura literária, esta pode trazer efeitos diversos ou nem mesmo efeito algum (Cabral & Kastrup, 2009). Por isso a utilização da palavra humanizadora é coerente, pois confere à humanidade a pluralidade de sentidos contidos em cada ser, e o verbo se conjuga no humano. O que a leitura literária pode possibilitar é a experiência, a experiência humana, pois trata de temas relativos ao humano (Freire, 2008). Por isso que Candido (1995) diz sobre a cota de humanidade que pode nos oferecer a literatura.

Cabe salientar que mesmo que essa potência da leitura literária seja alcançada, visto que esta não está garantida (Candido, 1995; Almeida; 2014; Freire, 2008; Cabral e Kastrup, 2009), outras formas terapêuticas não podem ser desconsideradas. Entretanto, entendo que o lugar de soberania da psicologia enquanto ciência que entende, discursa e cuida do humano, de forma isolada de outras criações humanas, precisa ser questionado. A psicologia foi ‘fundada’ no fim do século XIX com Wilhelm Wundt (Silveira, 2018), enquanto outras formas das pessoas se reinventarem já existiam, como por exemplo, a literatura que “revela

um saber sobre o ser falante que as outras ciências levaram muito tempo para descobrir ou teorizar” (Willemart, 2000, p. 19 citado por Freire 2008).

Cabe também refutar nessa altura a atribuição messiânica para a literatura, assim como é necessário desvincular esta atribuição à psicologia também. O que emerge são as potências da leitura literária, assim como parte da psicologia poderia falar das suas probabilidades, que dão aval para atuação profissional. Colocação importante, visto que autores como Theodore Dalrymple (que na verdade é um pseudônimo de Antony Daniels) que defendem o uso único da literatura em substituição a tratamentos psicológicos, que segundo Dalrymple (2017) serve apenas para aumentar o narcisismo individualista e desculpabilizar o sujeito por suas atitudes. É assim que chega para a psicologia a crítica derivada da onda de negação ao avanço científico.

Outro aspecto interessante é que através da análise dos artigos encontrados, o fenômeno de grupos, mesmo que não tenha sido intencionalmente privilegiado neste trabalho, se apresentou de forma ampla, como outro potencial para se pensar na função formadora de subjetividade de leitura, pois a alteridade é intrínseca a todas as relações humanas, o que pode ser campo de reinventar subjetividades. Nesse sentido vale ressaltar que na forma de organização da sociedade presente em que o individualismo é fomentado, a leitura coletiva pode ser também uma ruptura de paradigma, passando de uma atividade introspectiva individual para uma ampliação de possibilidades que o outro confere.

No caso dos trabalhos que a experiência da leitura literária foi realizada em grupos é possível entender o efeito humanizador de, pelo menos, três maneiras:

(i) focalizar o fenômeno do grupo, e com isso entender que a leitura literária é só um aquecimento/disparador para as discussões que geram nos grupos o efeito humanizador;

(ii) ter como essencial a leitura literária e seus efeitos, ou seja, entender que a leitura literária em si mesmo já é um espaço de encontro consigo e com as alteridades (de si e do outro);

(iii) entender que ambas as formulações são possíveis, e que tanto a leitura literária quanto as reflexões grupais são possibilidades ricas que podem permitir a humanização.

A posição tomada neste trabalho é a terceira opção, pois dois outros artigos corroboram (Lieberman et al., 2017; Porcacchia et al., 2016) com a premissa base de que a leitura literária individual pode exercer o mesmo efeito, assim como os trabalhos conceituais não excluem essa possibilidade.

Existe um fator tênue a se destacar, a diferença de um espaço de fruição na leitura e uma lição de moral, pois “poderemos cair na armadilha de achar que a literatura pode cumprir uma função “pedagogizante” ”(Freire, 2008, p. 5). E por que essa diferenciação, sendo que ambos vão interferir na forma do leitor ser no mundo? Justamente porque o espaço de fruição possibilita que o sujeito seja espontâneo através de construções a partir de si ou do grupo que o leitor teve papel ativo, enquanto a lição de moral é pedagógica, uma construção feita por um terceiro massificando seu leitor a um padrão, que muitas vezes está ligado a meios de dominação, de forma linguística para a dominação dos corpos; tudo se revelando ao contrário a leitura literária que tem como um dos objetivos a liberdade, pois “a leitura recusa os imperativos derivados da leitura de outros homens, de si mesmo e do próprio escritor” (Almeida, 2014, p. 156), e mesmo “como uma forma de resistência ao excesso de informação” (Cabral, 2009, p. 289).

É possível pensar na leitura literária como uma ação política, e Petit fala muito bem disso quando diz que a afinidade com a leitura proporciona o sucesso escolar “mas também a sua relação com a política” (Petit, 2009, p. 148). O que pode ser exemplificado pelo trabalho de Boechat e Kastrup (2009), que se expressou como resistência pelos participantes do grupo

à dominação dos agentes penitenciários. Pensando nas elaborações de Karl Marx sobre alienação, é alienado

“tudo aquilo que fragmentava o ser humano, que o apartava do mundo, de si mesmo, das coisas que ele criara; tudo aquilo que o separava da consciência que deveria ter, que o transformava quase em um autômato ou em um animal desnaturalizado” (Barros, 2011, p. 236).

Em outras palavras, alienado é aquele que não se apropria das produções humanas, então não se apropriar da cultura pela via da literatura é uma forma de não constituição do humano. O ser humano não está dado, ser humano também é uma construção social. Segundo Safra “os objetos culturais auxiliam o paciente a encontrar os elementos que o inserem novamente em sua etnia e em sua cultura”, eles podem ser “portas para aberturas de mundos e de experiências de ser” (Safra, 1999).

Gallian (2017) inicia o livro se lembrando de Cervantes “desocupado leitor”, e levanta a pergunta: é possível encontrar esse perfil de leitor na atualidade? Gallian responde “hoje estamos todos tão extremamente ocupados” (p. 23) e continua “essa pressa e esta azáfama tem, mais que nos ocupado, nos preocupado, nos preocupado extremamente e, em última análise, nos desumanizado e nos adoecido” (p. 24). Pressa que é reflexo da forma com que a sociedade está organizada, o produtivismo exacerbado, pois hoje cada sujeito é uma empresa que precisa ser gerida o tempo todo e a vida é separada em setores que necessitam ser administrados pelos *self made men*. Ao se tratar de leitura literária “é fundamental poder estar desocupado, disponível, não temer o vazio” (Petit 2009, p. 150), e para que o efeito humanizador possa acontecer, “a experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm” (Larrosa, 2004, p. 160, citado por Cabral & Kastrup, 2009, p. 288).

Essa azáfama reflete muito na forma de escrita e leitura, em que os

“140 caracteres do Twitter talvez sejam versões brutas dos poemas curtos com os quais a corte de *Genji* e Murasaki, e os romances retornaram como *best-sellers* nas plataformas eletrônicas de autopublicação, o que desagrade alguns modernos que escrevem na tradição de Cervantes” (Puncher, 2019, p. 383).

Nesse sentido Fischer (2006) faz uma ousada colocação: “a pessoa é aquilo que ela lê e aquilo que a pessoa lê é o que ela é” (p. 314). Ao pensar no capital cultural que a literatura abarca é possível concordar em certa medida com Fisher, mas essa afirmação é muito determinante, e sim, pessoas que não tiveram acesso à leitura literária ainda sim são pessoas, que carecem de certa apreciação cultural, contudo ainda possuidoras do direito à literatura.

E com todas essas colocações, uma pergunta se estabelece “e agora José?”. Quais as implicações de reconhecer o efeito humanizador da leitura literária? Diversas respostas podem ter ressoado em você leitor, entre tantas possíveis levantarei aqui algumas que cabem a nós, como profissionais e cidadãos. No trabalho de Boechat & Kastrup (2009) as autoras escolheram realizar oficinas literárias por oferecer uma possibilidade de baixo custo e mais fácil de entrar na instituição (p. 27). Poderia pensar aqui em projetos de políticas públicas, entretanto, para tais propostas se concretizarem, teriam que passar por diversas instâncias burocráticas e por um longo período para serem efetivadas. Lembremos da micropolítica, que também é um dispositivo de ação efetiva, que pode ser realizada de maneiras simples como indicações de livros, fazer pequenos grupos de leituras com colegas de faculdade/ trabalho, presentear as pessoas com livros, são algumas possibilidades.

Seria negligência fazer uma discussão que não questionasse quem são os leitores da “boa literatura”, à qual Candido (1995) chama de erudita, Freire (2008) diz sobre o cânone ocidental, ambos dizem sobre os clássicos. Quem pode ser esse leitor desocupado, narrado por Cervantes? Candido (1995) nos dá uma pista “privilégio de pequenos grupos” (p. 186). Por mais que hoje algumas formas de disponibilizar livros, como o domínio público

governamental e o acesso ao ensino público para aprender a ler, por isso evoco o que Marx diz sobre a questão do legislar e a mudança efetiva:

“Nos pergaminhos, podemos facilmente proclamar constituições, o direito de todo cidadão à educação, ao trabalho e, sobretudo, a um mínimo de meios de subsistência. Mas, com isso, não se fez tudo; ao se escreverem esses desejos generosos sobre o papel, persiste a verdadeira tarefa de fazer frutificar essas ideias liberais” (Marx, 2006, p. 50).

Logo cabe ressaltar que “ter familiaridade com a leitura, assim como com a escrita, não é suficiente e não garante nada” (Petit, 2009, p. 148), por isso um mergulho na leitura literária pede mais que a leitura funcional “depende da prática, é um cultivo, e visa alcançar uma atenção aberta, de entrega e aceitação do que vem da leitura” (Cabral e Kastrup, 2009, p. 288). Logo o gosto pela literatura não vem do paladar, é uma prática que é socialmente construído. A leitura literária também chama por responsabilidade social e equidade.

V. Considerações Finais

O presente trabalho possui algumas limitações enquanto execução da proposta inicial de fazer uma revisão da literatura acerca do potencial efeito humanizador da leitura literária. O primeiro que pode ser listado é a possibilidade de estudos semelhantes possuírem outros descritores para além das combinações das seguintes palavras chaves: leitura, literatura, terapêutica, terapia, psicologia; isso limita as possibilidades de incluí-los neste trabalho, nesse sentido me acalma saber que este estudo não tem a pretensão de esgotar o tema como um todo mas apresentar de forma sintética a relação teórica e vivencial que foi possível neste momento.

Também durante a elaboração me deparei com duas áreas de conhecimento que são de interesse para este trabalho, a Biblioterapia e a Estética da Recepção que me instigaram a

pesquisá-las separadamente e as relações possíveis com a psicologia, entretanto o marcador do tempo e limites do presente trabalho se apresentaram como delatores da realidade da impossibilidade de abarcar e aprofundar todas as perspectivas pertinentes. Por mais substancial que tais áreas do conhecimento são para este trabalho foi optado por não trazê-las para discussão, do contrário seriam citações vazias ou escassas de aprofundamento e significados. Um ponto de destaque é que não fiz a distinção entre psicologia e psicanálise, pois no presente trabalho não se fez necessário a distinção das mesmas. Entretanto considero as duas disciplinas distintas, ambas com formulações sobre a constituição psíquica e com suas respectivas técnicas interventivas.

A elaboração deste trabalho foi um meta-gerúndio, eu fui fazendo e ele se fazendo. O caminho que trilhei possibilitou alguns achados interessantes nos limites das possibilidades. Dentre os achados mais significativos foi que a leitura literária pode ser “uma forma de resistência e dominação aos mecanismos sutis de ordenação da linguagem” (Bueno, 2012), e com isso possibilitar não só a leitura de obras literárias, mas de si e do mundo em que estamos contidos, e quem sabe a pretensão de (re)escrever a sua história no/do mundo. Para encerrar com uma citação sobre o que Petit (2009) diz que possibilita a literatura, passagem digna de reverberar em nossas mentes:

“Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros” (Petit, 2009, p. 146).

VI. Referências

- Aguiar, Eloísa Nogueira. (2007). A experiência do "súbito" nas ficções de Lispector e Sartre. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, 19(2), p. 463-476. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200015>
- Almeida, Leonardo Pinto de. (2014). A experiência total da leitura literária. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), p. 143-158. Recuperado em 20 de abril de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200011&lng=pt&tlng=pt
- Barros, José D'Assunção. (2011). O conceito de alienação no jovem Marx. *Tempo Social*, 23(1), p. 223-245. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702011000100011>
- Bíblia Sagrada, Tradução Almeida Corrigida e Fiel. Evangelho de João 1: 1 - 4. Recuperado em 23 de abril de 2020, em <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/1>
- Boechat, Mhyrna, & Kastrup, Virgínia. (2009). A experiência com a Literatura numa instituição prisional. *Psicologia em Revista*, 15(3), p. 22-40. Recuperado em 13 de abril de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000300003&lng=pt&tlng=pt
- Bueno, Marcos. (2012). Escritor, autor e leitor: presenças no mundo da literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(2), p. 423-428. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000200014>
- Cabral, Maria do Carmo Carvalho, & Kastrup, Virgínia. (2009). Leitura de acolhimento: uma experiência de devir consciente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), p. 286-293. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200016>

- Caixeta, Marcelo, & Caixeta, Leonardo. (2005). *A teoria da mente: aspectos psicológicos, neurológicos, neuropsicológicos e psiquiátricos*. Campinas: Átomo.
- Caldin, Clarice Fortkamp. (2004). A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, 9(18), p. 72-89. Doi: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2004v9n18p72>
- Candido, Antonio. (1995). O direito à Literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades.
- Dalrymple, Theodore. (2017). *Evasivas admiráveis: como a psicologia subverte a moralidade* (Tradução Julia C. Barros) 1. ed. São Paulo: É Realizações. (Trabalho original publicado em 1949)
- Dias-Corrêa, Jaqueline Pereira, Marturano, Edna Maria, Rodrigues, Marisa Cosenza, & Nahas, Andressa Kutschenko. (2016). Efeito de um Programa de Histórias com Abordagem Sociocognitiva em Crianças de Educação Infantil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4). Doi: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e32429>
- Fisher, Steven Roger. (2006). *História da Leitura*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freire, José Célio. (2008). Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(2), p. 02-09. Recuperado em 18 de abril de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672008000200002&lng=pt&tlng=pt
- Freud, S. (1996). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol 6, pp. 13-279) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)

Freud, S. (1996). O Moisés de Michelangelo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol 13, pp. 219-249) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Galhardo, Diego Paulino, & Pereira, Ondina Pena. (2016). O Clube do Livro Identidade: Uma Análise Fenomenológica e Gestáltica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), p. 89-96. Recuperado em 01 de abril de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100011&lng=en&tlng=en

Gallian, Dante. (2017). *A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma*. São Paulo: Martin Claret.

Giannoni, Stefania Lins. (2013). O Laboratório de Humanidades Como Experiência da Humanização – Caso Prático em Ambiente Hospitalar. Repositório Unifesp. (Não publicado)

Henz, Alexandre de Oliveira, Cruz, Danilo Alves da, Franceschini, Ana Beatriz, Miyaura, Aurélio Keiji, Aguiar, Fernanda Braz Tobias de, Barbosa, Gabryell Tavares de, Inamine, Maurício Hideo, Joukhadar, Natasha Porto Scavone, Baldo, Rafaela Camargo, & Lima Junior, Rui Teixeira. (2012). A compreensão é um dos níveis de leitura: experimentações e sensações - itinerários de literatura e clínica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 16(40), p. 273-276. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012000100021>

Liberman, Flavia, Junqueira, Virginia, & Milek, Glenda. (2017). A menina e a mulher: literatura e narrativas de vida. *Revista Polis e Psique*, 7(1), p. 181-201. Recuperado em 01 de abril de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2017000100011&lng=pt&tlng=pt

- Logatti, Maria Silvia Motta, Carvalho, Licurgo Lima de, Candido, Viviane Cristina, & Gallian, Dante Marcello Claramonte. (2019). Humanização em saúde e reforma psiquiátrica: discussão da obra *O Alienista* entre pessoas com quadro psiquiátrico grave. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 29(4). Doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312019290408>
- Marx, Karl (2006). *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1846).
- Meneses, Adélia Bezerra de. (2005). A literatura e a organização da experiência. In Barone, L. et. al. (Orgs.), *A Psicanálise e a clínica extensa. III encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*, p. 121-36. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Monteiro, Vera. (2012). Promoção do autoconceito e auto estima através de um programa de leitura a par. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(1), p. 147-155. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000100018>
- Nobre, Thalita Lacerda. (2011). Considerações sobre Psicanálise e literatura: uma leitura de *Madame Bovary*. *Psicologia Revista*, 19(2). Recuperado em 27 de abril de 2020, de <https://ken.pucsp.br/psicorevista/article/view/6723>
- Petit, Michèle. (2009). *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34.
- Porcacchia, Sonia Saj, & Barone, Leda Maria Codeço. (2011). Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(3), p. 395-402. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000300012>
- Porcacchia, Sonia Saj, Barone, Leda Maria Codeço, & Costa, Beethoven Hortencio Rodrigues da. (2016). A literatura como intervenção psicopedagógica com adolescente. *Revista Psicopedagogia*, 33(100), p. 60-66. Recuperado em 01 de abril de 2020, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000100007&lng=pt&tlng=pt

Puchner, Martin. (2019). *O mundo da Escrita: como a literatura transformou a civilização*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Rodrigues, Marisa Cosenza, Oliveira, Paula Almeida de, Rubac, Jacqueline Silva, & Tavares, Aline Lima. (2007). Literatura infantil, teoria da mente e processamento de informação social. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), p. 77-88. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100008>

Safra, Gilberto. (1999). A clínica em Winnicott. *Natureza humana*, 1(1), 91-101. Recuperado em 03 de novembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&tlng=pt.

Santos, Rosemary Conceição dos, Santos, João Camilo dos, & Silva, José Aparecido da. (2018). Psicologia da Literatura e Psicologia na Literatura. *Trends in Psychology*, 26(2), p. 767-794. Doi: <https://doi.org/10.9788/tp2018.2-09pt>

Silveira, Léa. (2018). A psicologia é sua própria crise? Sobre o sentido epistemológico da presença da filosofia no cerne da psicologia moderna. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(1), p. 12-21. Doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i1/1454>

Wellek, René & Warren, Austin. (1949). *Teoria da Literatura*. Mira-Sintra, Portugal: Publicações Europa-América.

VII. Anexos

Tabela I. Trabalhos Teóricos

Título	Autor	Ano	Área de pesquisa
Aguiar	A experiência do "súbito" nas ficções de Lispector e Sartre	2007	Psicologia Existencial
Almeida	A experiência total da leitura literária	2014	Psicologia e Literatura
Cabral & Kastrup	Leitura de acolhimento: uma experiência de devir consciente	2009	Fenomenologia
Caldin	A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças	2004	Biblioterapia
Candido	Direito à Literatura	1995	Sociologia e Literatura
Freire	Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência	2008	Psicologia
Freud	A psicopatologia da vida cotidiana	1901	Psicanálise
Freud	O Moisés de Michelângelo	1913	Psicanálise
Petit	A arte de ler ou como resistir à	2009	Antropologia e

	adversidade		Psicanálise
Rodrigues et al.	Leitura de histórias e sua importância no desenvolvimento infantil	2007	Sociocognitivista

Tabela II. Trabalhos Práticos

Autor	Título	Ano	Tipo de Estudo	Abordagem	Método
Boechat & Kastrup	A experiência com a Literatura numa instituição prisional	2009	Experiência Grupal	Não Informado	Leitura e Discussão
Dias-Corrêa et al.	Efeito de um Programa de Histórias com Abordagem Sociocognitiva em Crianças de Educação Infantil	2016	Experimento Grupal	Análise Experimental	Descritiva

Galhardo & Pereira	O clube do livro identidade: uma análise fenomenológica e gestáltica	2016	Experiência Grupal	Gestalterapia e Fenomenologia	Desleitura
Gallian	A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma	2017	Experiência Grupal	Diversas Fontes	LabHum
Giannoni	O Laboratório de Humanidades Como Experiência de Humanização – Caso Prático em Ambiente Hospitalar	2013	Experiência Grupal	Fenomenologia Hermenêutica	LabHum
Henz et al.	A compreensão é um dos níveis de leitura:	2012	Experiência Grupal	Não Informado	Leitura e Discussão

	experimentações e sensações - itinerários de literatura e clínica				
Liberman et al.	A menina e a mulher: literatura e narrativas de vida	2017	Estudo de Caso	Terapia Ocupacional	Cartografia
Logatti et al.	Humanização em saúde e reforma psiquiátrica: discussão da obra O Alienista entre pessoas com quadro psiquiátrico grave	2019	Experiência Grupal	Fenomenologia Hermenêutica	LabHum
Monteiro	Promoção do Autoconceito e Auto Estima	2012	Experimento em Par	Análise Experimental	Descritiva

	através de um Programa de Leitura a Par				
Porcacchia & Barone	Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura	2011	Experiência Grupal	Psicanálise Winnicottiana	Psicopedagogia
Porcacchia et al.	A literatura como intervenção psicopedagógica com adolescente	2016	Estudo de Caso	Psicanálise	Psicopedagogia